

A escuridão e o isqueiro

Encontro de padre Julián Carrón com os professores de Comunhão e Libertação

Milão, 18 de maio de 2008

Franco Nembrini. Bom dia a todos. Sejam bem-vindos a estes segundo encontro com Julián, a quem agradecemos mais uma vez pela solicitude e paternidade com que nos acompanha.

Em 14 de outubro passado, você nos deixou um desafio: educar é uma comunicação de nós mesmos, da nossa maneira de nos relacionarmos com a realidade¹. Creio poder lhe dizer que esse desafio foi acolhido por muitos e muitos de nós, com grande decisão e empenho, mesmo por aquelas muitas pessoas hoje ausentes fisicamente, mas que acompanham este gesto por videoconferência. Lembro, em primeiro lugar, os amigos italianos da Calábria, da Campânia, da Pulha e da Sicília, e também todos aqueles que nos acompanham, ao vivo ou não, de Argentina, Bélgica, Brasil, Camarões, Canadá, Chile, Colômbia, Coréia, Equador, Etiópia, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Irlanda, Cazaquistão, Quênia, Lituânia, Malta, México, Nigéria, Holanda, Paraguai, Peru, Portugal, Rússia, Eslovênia, Espanha, Uganda, Hungria, EUA e Venezuela. Nós os cumprimentamos a todos, com uma salva de palmas.

Em preparação para o gesto de hoje, recebemos mais de duzentas e cinquenta contribuições escritas; sendo que Carrón pediu que hoje de manhã o encontro tivesse a forma de uma assembléia, tomei a liberdade de pedir a alguns de nós que viessem ao microfone contar sua experiência em poucas palavras, e apresentar a Julián as questões que nos parecem mais decisivas. Eu lhe dizia outro dia: “Veja, Julián, provavelmente as perguntas serão as mesmas de outubro, pois o desafio da vida é aquele mesmo; se nos encontrássemos daqui a dez anos, acho que faríamos as mesmas perguntas”. Mas fiquei realmente impressionado ao constatar que, se em 14 de outubro partimos de uma falta de confiança, de um cansaço (vocês se lembram bem de que a primeira pergunta que fizemos a ele era, em síntese, esta: “Afim, quem me obriga a continuar a exercer este ofício, nestas condições?”), hoje as mesmas perguntas são feitas a partir de um ponto positivo, de um desafio acolhido, de uma tentativa em pleno desenvolvimento. Vamos começar.

Stefano. Neste momento, enquanto meu pai vai para os braços de Deus, meus filhos começam a ficar adultos e minha vida é cercada por uma companhia de homens de verdade, percebo que a

¹ Referência ao encontro de padre Julián Carrón com os professores de Comunhão e Libertação em Milão, a 14 de outubro de 2007. Ver o livrinho *Educar: uma comunicação de si, ou seja, da própria maneira de se relacionar com a*

“razão verdadeira” é a raiz de tudo isso, e é disso que quero lhes falar.

O encontro de outubro com Franco e Carrón provocou uma reviravolta em minha vida; é como se depois de muito tempo eu voltasse a abrir a janela, deixando o ar fresco encher o quarto, e me sentisse convidado a sair. Diante da vida, eu me sentia parado no meu canto, sem perspectiva, sobretudo sem esperança. Sim, acho que essa é a verdadeira questão: sem uma esperança autêntica. Aquele encontro me pôs de novo diante do início: a organização disso ou daquilo, a ansiedade pelo resultado, os balanços que eu fazia da minha vida já não tinham nenhuma importância; só me restava Ele, o bom Jesus, que voltava a me tomar, ou melhor, que eu voltava a ver, sentir, perceber presente.

A primeira coisa que me aconteceu foi que a realidade reapareceu. Por muito tempo, a realidade tinha deixado de ser para mim um dado, um fato dado, e, nesse sentido, uma série de sinais que eu podia seguir em minha vida, memória das coisas que vivi e de tudo o que me foi perdoado. Minha esposa, meus filhos, os amigos da comunidade, meu pai e minha mãe: tudo isso tinha perdido a cor e o sabor; todas essas coisas continuavam bem na minha frente sem que eu as visse, ou melhor, as reconhecesse. Que surpresa, voltar a me dar conta delas! Que bonito, perceber o passo tímido de meus filhos ou me comover com o rosto de minha esposa depois de vinte e cinco anos de casamento, ou me sentir amando o destino daqueles garotos que enchem as salas de aula da escola em que eu leciono e perceber que tudo isso me é dado agora, que é o próprio Cristo que se dá a mim agora! É incrível: não basta que Cristo esteja presente, é preciso que eu também esteja, é preciso que meus olhos, minhas mãos, minha razão estejam abertos ao que está acontecendo; é preciso que eu seja simples diante da realidade.

A Escola de Comunidade foi uma grande companhia para mim nestes últimos tempos; foi como a chegada repentina de uma carta de um amigo, que, me conhecendo, me ajudou a mudar de posição e a dar conta da enorme provocação que o encontro com Franco e Carrón foi para mim. A fé que eu achava que tinha, quando dizia: “Pois é, sou um miserável, mas tenho fé”, essa fé, justamente, era o que eu não tinha.

Conhecer a realidade como ela é, reconhecer o dado, os indícios, a presença d’Ele. Muitas vezes, lendo o que vocês escrevem para mim na revista, eu me vejo diante da humanidade nova de vocês, que volta a olhar para tudo, realmente tudo, com a simplicidade genial da fé. Muitas vezes, ao acordar de manhã, eu me pego como que voltado para um outro lado, preocupado com os meus pensamentos (ou seja, ocupado completamente). Antes, eu nem me dava conta disso, mas agora a manhã para mim é levantar e começar logo a pedir, a rezar, a rogar podê-Lo reconhecer nesse dia

que está acontecendo. Ajudem-me a não perder essa posição.

Nembrini. Obrigado, Stefano. O fato de reencontrar essa posição do eu, de recuperar essa maneira de abrir os olhos para a realidade é um sinal imediato de um mar de necessidades, de um mar de dor diante do qual nos encontramos. Fiquei impressionado com o fato de muitas das contribuições de vocês terem partido daqui, fazendo justamente a pergunta: “Eu até tento, até quero lidar com a realidade, mas como posso suportar o impacto dessa dificuldade, desse mal, dessa dor dentro de mim e ao meu redor?” Um dos depoimentos falava da “humanidade cheia de dor diante da qual me encontro e dentro da qual estou mergulhado”; outro, que falava da dor que encontramos todos os dias, perguntava: “Mas como podemos testemunhar essa vitória de que você falava em outubro, essa certeza, diante de toda a necessidade humana?”

Já como uma tentativa de resposta positiva, pedi a nossa amiga Lucia, de Verona, que nos contasse o que aconteceu em sua cidade, na classe de um dos cinco que mataram um jovem por um cigarro.

Lucia. Numa rua do centro de Verona, na noite entre 30 de abril e 1º de maio, cinco jovens de 19 a 20 anos espancaram até a morte Nicola Tommasoli, de 28 anos, porque ele não quis lhes dar um cigarro. O fato tocou uma menina dos colegiais do Movimento, Elisa, colega de classe de um dos cinco agressores. Ela se mexeu logo, e escreveu o panfleto que vou ler pra vocês.

“Diante do acontecimento inesperado que nos tocou muito de perto, o fato de um de nossos colegas de classe ter sido preso, a pergunta que nos vem espontaneamente é: como pode alguém chegar a isso, chegar a um ponto em que uma pequena fagulha provoca uma tragédia? Todos nós, alunos e professores, fizemos essa pergunta a nós mesmos, estarecidos diante do pedregulho que caiu bem em cima da nossa cabeça. Poderíamos responder de uma forma banal, dizendo que quando alguém comete um crime como esse é por culpa de uma tendência ao extremismo político, ou pelo fato de a pessoa ser de natureza agressiva. Mas, para todos nós, uma resposta como essa não é suficiente. Esses motivos não respondem de verdade às nossas perguntas. Discutindo em classe, chegamos à possibilidade de que na realidade o que levou essas pessoas a fazerem uma coisa assim é um vazio que todos nós temos, um vazio que cada um de nós tenta preencher de alguma forma, mas que ninguém consegue ignorar: todos temos a necessidade de que exista algo que nos complete, a necessidade de que aquilo que fazemos e aquilo que somos não seja perdido, a necessidade de sermos levados a sério com tudo o que somos, sempre. Raffaele não é um monstro, um louco ou uma pessoa exaltada; é um jovem que cometeu um erro gravíssimo, e pagará por isso, mas é, também, um jovem que tem essa necessidade como todos nós, e sua pergunta é também a nossa:

‘Por quê?’ Nicola também era um jovem como nós, não um inimigo a ser abatido, um inimigo agora já eliminado; e seus pais fazem a si mesmos a mesma pergunta: ‘Por quê?’ Qual é o sentido dessa vida destruída e das outras, marcadas para sempre? Quem, afinal, nos responderá de uma forma verdadeira o bastante para nos salvar do vazio que nos rodeia?”

Elisa se envolveu com seus colegas, com os professores, com o diretor, encontrou resistências e pessoas dispostas a reconhecer, na postura dela, uma posição humana capaz de estar diante da tragédia sem censurar nada, e isso provocou os outros colegas do Movimento e a nós, professores. Graças a ela, pudemos conhecer mais a realidade, pois tínhamos diante de nós uma pessoa que estava olhando para a realidade de um modo verdadeiro e com o desejo de encontrar a todos para testemunhar uma novidade, em meio à tempestade de declarações que pessoas que queriam dar uma definição para o caso.

Eu gostaria de perguntar: como é que nós, que encontramos uma novidade para a nossa vida e, como outros professores, reconhecemos em nós um sentimento de incerteza e impotência diante de um desastre humano cada vez mais iminente, podemos manter a esperança das pessoas que vivem do nosso lado, dos jovens que temos na sala de aula? De onde devemos partir para afirmar que a alternativa ao nada é Cristo?

Carrón. De onde devemos partir? Nós temos bem diante dos nossos olhos o ponto de onde devemos partir, e não o vemos! De onde foi que partiu essa menina? Nós devemos olhar para o que acontece bem diante de nós. E o que é que acontece? Acontece que uma menina, a última, a menor, encarou o que havia ocorrido a um colega e preparou esse panfleto, como ouvimos. Procuremos nos identificar com essa menina: o que a fez dar um passo? Qual foi o ponto de partida, a origem que a fez desafiar a tudo e a todos, se arriscando publicamente nesse juízo? Não foi uma inteligência particular, não foi um conhecimento particular, não foi uma energia particular: foi simplesmente a capacidade de aderir a algo que vem antes. Ela olhou para o que havia acontecido ao rapaz assassinado e a seu colega com aquilo que estava nela, e isso lhe deu a certeza: isso a fez vencer a impotência que todos sentimos diante dessas coisas. Não porque ela era melhor, não porque tinha mais energia ou maiores conhecimentos, mas porque era mais leal e mais simples diante do que lhe havia sido proposto pela experiência.

Hoje de manhã, eu me perguntava: quando ouvimos outra vez o trecho da canção que diz que “não foi pelas trinta moedas, mas pela esperança que um dia Ele suscitou em mim”, o que aconteceu em nós? Voltou a fervilhar a esperança que Ele suscitou ou não? Ou o que prevalece são todos os outros pensamentos, todas as outras coisas, pois nós, diante do que acontece, somos de certa forma refratários, ou seja, não nos deixamos tocar e ficamos sempre apenas à mercê de nossos

pensamentos e de nossas capacidades (e assim, logo que acontece alguma coisa, fica bem claro como eu não sou nada, nada, diante de tudo o que acontece)?

É impressionante que o Senhor escolha uma garotinha para refrisar o método a todos nós, para nos fazer entender que a questão não são os nossos humores, não são as nossas preocupações, não são os nossos pensamentos, mas a simplicidade de um eu diante do que Ele faz. Aí, não há vazão que nos segure, não há fato na vida, por pior que seja, para o qual não possamos olhar, justamente graças a essa esperança que Ele suscitou em nós, a esse “antes” (esse “antes de qualquer outra coisa”, esse “antes” pelo qual “Amei-te com amor eterno e tive piedade do teu nada”): se não O deixamos entrar sempre, a cada instante, em nosso eu, já estamos derrotados.

Franco me dizia que às vezes a nossa presença parece quase inútil diante de tanta dor. Ainda bem que o Mistério não raciocinou assim! Ainda bem que o Mistério não pensou que era inútil ter piedade do nosso nada, da nossa dor, que não era inútil se tornar Homem! Ainda bem, porque, do contrário, já estaria tudo acabado. E é por isso que Ele nos desperta constantemente.

É verdade que tudo isso é superior às nossas forças, é verdade, é extremamente verdadeiro. É inútil esconder de nós mesmos: é verdade, tudo isso nos supera por completo. Portanto, precisamos de uma outra coisa, diferente das que temos sempre na cabeça; e assim poderemos começar a entender, se nos identificarmos todos os dias com a nossa necessidade e nos dermos conta do que nos faz começar de novo, do quanto precisamos desse olhar cheio de ternura para o nosso nada para começar outra vez. O problema é que isso nos parece pouco, é que todas as nossas preocupações, os nossos pensamentos, as nossas reuniões nos parecem mais incidentes e importantes do que isso... Tudo nos parece mais incidente, mais real, mais decisivo do que aquilo que o Mistério fez e continua a fazer. Como se para Ele tudo aquilo tivesse sido uma pequena distração, ou Ele fosse um pouco ingênuo: tornar-se Homem, renunciar a Seu papel de Deus, a Seu poder, a Sua força... tudo isso parece ter pouca incidência na história, e por isso damos importância a tudo, menos a essas coisas. Assim, a primeira coisa que aparece nos vira de ponta-cabeça e nos deixa completamente abatidos. Meus parabéns! E depois dizemos: “Que devemos fazer?” Talvez devêssemos começar a seguir esse menino; que é o mesmo que fez aquela outra menina de catorze anos que se chamava Maria: diante de algo que parecia impossível (para Ele, nada é impossível), ela ficava toda tomada de comoção, pois Deus tinha olhado para o nada de Sua serva. O que aos olhos de todos poderia parecer absolutamente inútil e sem nenhuma incidência na realidade, essa acolhida, esse “sim”, foi a coisa mais decisiva da história. Mas nisso nós não acreditamos! Assim, diante de qualquer fato, ficamos aturdidos, vencidos, derrotados. Basta uma menina que leve o fato a sério e já nasce daí todo o clamor que ela provocou na escola. Digam-me, então, o que é mais incidente! Ao menos uma vez na vida, encaremos a realidade! Mas nós não paramos de dizer: “A família, a sociedade, o

ambiente”... mentiras! Por favor, eu sei de tudo isso, eu também dizia tudo isso aos meus professores, quando era diretor de escola: é verdade que a família... é verdade que a sociedade... é verdade, é verdade, é verdade. Mas, afinal, nós temos ou não algo a oferecer a esses jovens que estão à nossa frente? É tudo verdade, mas as pessoas que me encontram têm a possibilidade de topar com alguma coisa, de encontrar um eu que tem algo a dizer diante do que acontece, ou não? Para que isso seja possível, é preciso que deixemos de ser os primeiros a já estarem derrotados.

Nembrini. Muitos depoimentos voltam à questão da unidade, no sentido de que é como se a nossa iniciativa pessoal, o nosso movimento pessoal, precisasse se lançar de imediato, precisasse ir a campo com os amigos, com alguém. A iniciativa pessoal até existe, mas muitas vezes continua a ser algo individual, não se torna uma comunhão, não se torna uma amizade recuperada. As pessoas têm saudade de uma unidade que elas sentem, ao mesmo tempo, necessária e impossível; uma unidade, às vezes, justamente com os amigos, as pessoas do Movimento que estão com você na mesma situação, na mesma escola, na mesma cidade. E muitos perguntam: como é que a iniciativa da pessoa gera uma unidade, por exemplo, na mesma escola, entre as pessoas que pertencem ao Movimento e se ignoram? Que significa – em outubro, você também chamou nossa atenção para isso – termos a presença da Igreja como preocupação, termos a preocupação ideal de tornar a Igreja presente no lugar em que estamos? O que é que favorece essa expressão, como ela se expressa publicamente?

Em algumas cidades, por exemplo, alguns de nós voltaram a fazer Escola de Comunidade juntos, e isso marcou um ponto de partida importante. Mas é como se logo essa iniciativa também escorregasse para uma outra posição, mudasse de método, como você sempre nos diz, ou seja, virasse, mais uma vez, uma preocupação de organizar, como se o problema fosse reconstruir o grupo de educadores do Movimento, fazer o Movimento nascer, fazer alguma coisa nascer. E lá vamos nós de novo patinando...

Carrón. Deixem tudo isso pra lá! Deixem que Ele faça as coisas, pois Ele sabe fazer muito bem! O que nos compete é responder com o nosso eu. É daí que nasce tudo. O problema é que, em todas essas coisas, achamos que o “sim” que dizemos não é suficiente para gerar tudo, e isso fica bem claro, sobretudo, na maneira como concebemos a unidade.

Franco acabou de dizer: essa saudade de uma unidade que sentimos, ao mesmo tempo, necessária e impossível. É isso mesmo: nós a percebemos tão necessária quanto impossível de ser gerada por nós. Logo, é inútil que nos preocupemos com isso. A unidade – como vimos, fazendo a Escola de Comunidade – é uma consequência. A primeira unidade que surgiu na história aconteceu

em torno de Alguém, de Jesus. Essa foi a primeira unidade, a primeira comunhão. E como foi que nasceu essa comunhão? Como foi que ela nasceu? Os discípulos chegaram a um acordo entre eles? Tentem se identificar com aquela situação: eles chegaram a um acordo? Olhemos para a maneira como procuramos gerar essa unidade e comparemos o que fazemos com o que os apóstolos fizeram: somos espantosamente ridículos, e não conseguimos nos manter de pé. Por quê? Porque somos de uma ingenuidade impressionante no que diz respeito à nossa capacidade humana. Dom Giussani nos repetiu isto quase todos os dias: todas as revoluções procuraram essa unidade e nunca a alcançaram, pois ela é a coisa mais impossível para os homens, tão necessária e desejada quanto impossível. Nós todos vemos isso muito bem: nem com a pessoa que amamos a unidade é possível, imaginem com o resto.

Se é assim, de onde nasce então essa unidade? Como foi que ela nasceu? Ela nasce, nasceu e nascerá sempre dessa identificação com algo que é Outro em relação a nós. Podemos ficar juntos, podemos ser surpreendidos pelo acontecimento da unidade (sem ficarmos pensando em gerá-la por nós mesmos), se encontramos Alguém capaz de responder a todo o desejo do coração. Só uma coisa nos permite ficar juntos sem nos devorar, sem que as nossas pretensões possam levar a melhor sobre todo o resto, nos sentindo perfeitamente à vontade, como em nossa própria casa: se encontramos, ali onde estamos, Alguém que é capaz de responder a toda a nossa espera. Só assim podemos gerar uma relação entre nós diferente, pelo fato de estarmos contentes, realizados, gratos por Ele ter vindo ao nosso encontro, ter olhado para o nosso nada; antes de mais nada, pelo fato de Ele existir. Então eu me encontro com os outros com uma postura completamente diferente. Se não for assim, se a experiência não for essa, que significa construir a comunidade? Inexoravelmente, se torna apenas a nossa tentativa de gerenciar alguma coisa, de chegar a um acordo. Mas não me interessa de jeito nenhum chegamos a um acordo; pois nós poderíamos estar plenamente de acordo e não ter entre nós o Único que responde. Consigo me fazer entender? O que me interessa é saber se existe Alguém capaz de responder a toda a espera do meu coração e do coração dos outros. Se esse Alguém não existe, por que eu seria obrigado a fazer tudo o que eu faço? Mas, se esse Alguém existe e eu O encontro, e começo a fazer uma experiência diferente da vida, capaz de abraçar o meu eu, de me fazer sentir grato e contente porque Ele existe, então, sem projetos, mas surpreso, eu me vejo à vontade com os outros: primeiro com a esposa, depois com os amigos, com os colegas... Mesmo que todo o resto não vá bem, eu começo desde já a fazer uma experiência graças à qual a relação com os outros não é violenta, não é uma pretensão, mas é gratuita. Isso não é uma coisa que possamos dar a nós mesmos; devemos recebê-la, devemos estar disponíveis a receber o Único capaz de gerar a unidade. Mas nós, em vez disso, estamos mais disponíveis a fazer vinte reuniões, já que somos nós que as administramos, que a nos deixar preencher pelo Único capaz de gerar a unidade.

É como se não entendêssemos qual é o alcance da questão, ou seja, não entendemos qual é o problema do eu, qual é o problema dessa desproporção estrutural que nos determina, e por isso é tão necessário obter uma resposta quanto nos é impossível dá-la a nós mesmos; meu desejo infinito de plenitude tem uma necessidade de resposta tão grande quanto o fato de me ver constantemente, mesmo com todas as minhas iniciativas, tendo de reconhecer que é impossível me dar uma resposta. Assim, eu, que não consigo resolver o meu problema, preciso me abrir sempre a um Outro para fazer uma experiência diferente da relação com as outras pessoas.

É por isso que fazemos Escola de Comunidade, não para cumprir um gesto do Movimento que fica colado em cima do nada. Se a Escola de Comunidade não for isso, se não for a mudança de método que nos faz sair constantemente da maneira como pensamos gerar as coisas, se for uma discussão, em vez de seguir algo que nos é proposto, é impossível. Se, todas as vezes que vamos à Escola de Comunidade, não formos com a consciência da necessidade que temos e não conseguimos responder, e de que precisamos aprender a nos identificar com uma outra pessoa que percorreu o caminho antes de nós, o que é que vamos fazer? Fazer os nossos comentários em cima do que diz o texto? Se for assim, é melhor ficar em casa. Vocês sabem por quê? Porque, fazendo isso, incrementamos o niilismo: depois de ouvir todos os comentários, vamos para casa pior do que antes. Incrementamos o niilismo, pensando fazer Escola de Comunidade! A Escola de Comunidade não é isso! Daremos um passo decisivo em nossa história se eliminarmos os comentários das Escolas de Comunidade: falemos somente da experiência. Os comentários que vocês fazem não me interessam; imaginem se eu não tenho um monte de outros comentários na cabeça... Não digo isso apenas a vocês, digo também para mim, pois eu também posso acrescentar comentários em cima de comentários. Mas a questão não é essa. A questão é: eu tive alguma experiência que possa esclarecer alguma coisa? Nós somos especialistas em analisar a escuridão, mas acender um isqueiro vence mais a escuridão, dá para entender? Todos os comentários sobre a escuridão não são capazes de vencer a escuridão como acender um isqueiro. Por isso, se a pessoa acende um isqueiro que ilumina a vida, porque viu, em sua vida, a derrota da escuridão, vamos todos para casa aliviados: a escuridão não vence mais, e assim, para quem está disponível, é gerada uma unidade, e a pessoa não volta para casa com uma solidão infecunda e um ceticismo último, como muitas vezes acontece entre nós. Graças a Deus, a vida não nos é poupada! Graças a Deus! Pois nós pensamos que, fazendo comentários em cima de comentários, somos poupados de viver, que nada tem conseqüências, no fundo. Ainda bem que o Senhor usa essa brecha que nós lhe deixamos; e então tudo recomeça, é possível que tudo recomece.

Nembrini. Sobre isso, acho que o testemunho de Cinetta, de Roma, pode nos ajudar. Ao mesmo

tempo, pedimos que você nos dê um juízo sobre uma possível direção que devamos tomar.

Cinetta. Em 14 de outubro, voltei para casa com o entusiasmo de quem se sente diante de uma coisa extremamente grande, mas bastou pouco para que eu reduzisse tudo a um pensamento, a um comentário sobre a realidade e sobre o Movimento. Não sei se é correto afirmar isto, mas entendi que eu logo fiz a totalidade que me havia atingido coincidir com uma série de coisas que deveria fazer pelo Movimento; e isso com toda a boa-fé deste mundo. Mas a prova de que essas coisas não eram da mesma natureza daquilo que me havia tocado em 14 de outubro é que, em vez de me abrir a tudo e de me fazer sentir mais livre, me encastelavam cada vez mais numa maneira certinha de pensar o Movimento e a realidade, que, enquanto isso, iam escapando por todos os lados.

Em dezembro, Nembrini foi a Roma para uma assembléia com os professores. Eu, no máximo, esperava uma explicação a mais. Mas o que eu vi foi alguém em quem as mesmas coisas que eu havia ouvido tinham-se tornado um desafio nas circunstâncias cotidianas, pois ele não as vivia como se fosse um gigante solitário, mas dentro de uma relação que o corrigia, que o fazia crescer, que não o encastelava na posição certinha de quem faz uma coisa por Cristo, mas sem Cristo. Assim, um grupinho de amigos resolveu começar uma Escola de Comunidade para professores. Antes, nós nunca teríamos feito uma coisa dessas. Mas começamos com este desejo muito forte: que toda a energia da nossa vida se destinasse a verificar se – como diz a Escola de Comunidade – aquele homem, que suscitou tanta esperança em nós, é realmente o que diz ser. Pela primeira vez, arriscamos ser amigos não para organizar o Movimento, mas para descobrir o que é a realidade. A primeira consequência disso foi que deixamos de reclamar dos alunos que não são como deveriam ser, das circunstâncias que não caminham como deveriam. Uma amiga minha, colega de trabalho na mesma escola, que tem uma sala difícilíssima, dizia: “Agora, eu já não vou dar aulas para verificar a minha capacidade, mas, sim, a minha fé. Antes, quando abria a porta da sala de aula, eu já pensava: eles não devem ter estudado de novo; agora, abro a porta me perguntando: que será que o Mistério tem para me dizer hoje?” Outras pessoas, descobrindo – por fazer Escola de Comunidade – que a consistência delas não está no resultado, mas naquilo que vem antes, estão reinventado até a maneira de lecionar em salas que todos os outros professores achavam perdidas. Ou há o caso de uma amiga minha, a quem uma aluna perguntou: “Por que devo estudar? Que significa conhecer?”, e minha amiga a convidou, com toda a classe, para fazer Escola de Comunidade. É uma coisa inicial, mas parece que está rompendo todos os esquemas, como você dizia.

A pergunta, então, era esta: fazer Escola de Comunidade, no meu modo de ver, significa me encontrar diante de uma proposta total, pelo menos como um enorme desejo; é isso que faz de nós um sujeito novo dentro da escola, é isso que pode gerar entre nós uma unidade que não seja

defender a idéia que nós temos de Jesus?

Carrón. Vocês estão vendo? Basta alguém começar a seguir, que as coisas começam a encontrar seu lugar.

Toda a maneira como enfrentamos a realidade (a escola, a família, os amigos, a dor, as circunstâncias) revela qual é o sentimento da vida a que nós chegamos. O problema não é que aconteçam determinadas coisas, ou que nos encontremos diante de jovens deste ou daquele jeito, ou de uma situação assim ou assada na escola. O problema é como eu – dizia agora Cinetta – chego à escola um instante antes de subir o primeiro degrau: o que me determina é aquilo que me aconteceu (e então eu tenho uma posição original para entrar de uma maneira diferente na escola) ou naquele momento eu já estou determinado por todas as dificuldades, por todas as circunstâncias, por todos os preconceitos ou fatos que vi no dia anterior (e, nesse sentido, não há o que esperar dali)?

A análise pode ser completamente verdadeira, não quero negar as dificuldades que existem, mas a questão é que, assim que a pessoa deixa entrar algo diferente, as coisas continuam do mesmo jeito que eram antes – não é que a circunstância mude, não é que a escola mude, não é que os jovens mudem, não é que, de um dia para o outro, todos os jovens comecem a ter vontade de estudar, não é isso, todas as coisas continuam exatamente do mesmo jeito –, mas a novidade está na pessoa, na maneira como ela entra na escola. Por isso, em outras ocasiões, já contei um episódio que me impressionou, de um aluno meu – um amigo do grupinho do Movimento da escola tinha sofrido um grave acidente – que me disse: “Como é possível que Deus faça essas coisas?” Ou seja, em primeiro lugar estava a revolta. Então eu respondi a ele: o problema é como você está diante desses fatos. E lhe dava este exemplo: “Se, ao voltar para casa esta tarde, você encontra um cara que lhe dá um tapa, o que você faz?” Sendo que era um tipo resoluto, ele disse: “Dou dois nele”. “Mas, e se, quando você chega em casa, sua mãe é que lhe dá um tapa?” Ele ficou paralisado e disse: “Eu perguntaria por quê”. Ora, mas qual é a diferença entre a maneira como você se posiciona diante do tapa de um desconhecido e diante do tapa de sua mãe? O tapa, materialmente, é o mesmo, mas, enquanto você não o aceita do desconhecido, não pode dizer o mesmo do tapa que vem de sua mãe. Você, diante de sua mãe, não pode introduzir uma dúvida: tem uma quantidade tão grande de fatos diante de seus olhos, que, quando olha para o rosto de sua mãe – sendo que o tapa não coincide imediatamente com a experiência que você tem de sua mãe -, pergunta: por quê? A questão é: quando temos de enfrentar a realidade, existe ou não alguma coisa que é tão certa, tão consistente a ponto de não eliminar a ligação com o Mistério – como aquele tapa não elimina a ligação que o jovem tinha com sua mãe -, a ligação com o Mistério que desperta constantemente em mim a certeza e a esperança na vida? Por isso, Cinetta tem razão: na relação com a realidade, o que

verificamos é a nossa fé, é a certeza da fé. Diante de circunstâncias extremamente dolorosas que acontecem (por exemplo, a que nossa amiga de Verona nos descreveu), às vezes perguntamos: “O que é que eu posso dizer?”, ou: “O que fazer?” Você mesmo é que deve me dizer o que fazer, pois é aí que você demonstra o que é a fé para você, se você tem alguma coisa a dizer àqueles jovens, se tem alguma coisa a dizer àquelas famílias, se tem alguma coisa a dizer! Por isso, diante de qualquer fato que acontece (a escola, os alunos, o acidente, a bulimia, tudo), a questão é: afinal, o que eu tenho a dizer? A consistência, a ligação com Aquele que eu encontrei, se sustenta ou não diante disso? Do contrário, nós construímos uma espécie de enorme reserva indígena, que não nos ajuda a ficar na realidade. Se a fé não me ajuda a ficar na realidade, diante de toda a realidade, com todo o drama que ela tem, que importância tem para mim?

Uma das coisas mais bonitas destas últimas semanas foi ter ido encontrar um padre, amigo nosso, que pouco depois morreu; eu ficava impressionado ao ver que amizade é a nossa, quando temos essa certeza no olhar, pois conseguimos encarar até a morte. Diante desse amigo, eu me sentia extremamente tranquilo, quase lamentando não poder ir com ele. “Por quê? Por que podemos desafiar até a morte?”, eu me perguntava, olhando para ele, ali, na cama. Por quê? Será porque chegamos a um acordo, porque somos organizados, porque fazemos uma análise mais aguda? Ou é graças à certeza que vem antes de qualquer impedimento, ou seja, aquilo que eu tinha comigo antes de dar um passo no quarto de meu amigo, que estava partindo para o abraço de Cristo? Enfim, a questão é como eu chego a esse encontro com o amigo moribundo, como eu chego todas as manhãs para dar aulas, como eu chego todas as manhãs ao encontro comigo mesmo, como me abraço. E o que é que determina, o que é que define, o que é que preenche, invade esse “antes”? Ele é invadido pela minha impotência ou é invadido pela presença de um Outro?

E aqui nós acabamos por ter de lidar com a mentalidade de todo o mundo, ou seja, com a mentalidade iluminista. Para muitos de nós, aquilo a que chamamos cristianismo nada mais é que essa mentalidade iluminista, que nos leva a querer levar adiante os valores cristãos, sem Cristo. Dá para ver como estamos chegando ao fim dessa história, pelo fracasso que todos reconhecem. Por que não damos conta? Porque temos essa ingenuidade a respeito da natureza do homem, essa negação do pecado original enquanto reconhecimento de uma incapacidade última, esse desconhecimento do fato de que só é possível aquilo que um Outro torna possível. Não é que Cristo tenha vindo dar um passeio na terra porque não tinha mais o que fazer: Ele tinha absoluta consciência de que “sem Mim nada podeis fazer”, e por isso morreu por nós e ressuscitou por nós. Isso não vale apenas para a Semana Santa ou para a Missa, como se, para entrar na escola, precisássemos de outra coisa. Precisamos dessa vitória da Ressurreição, do contrário ficamos só reclamando, com um monte de razões adequadas, não digo que não; mas todas essas razões

adequadas não são nada diante da vitória de Cristo, pois nenhuma dessas coisas pode eliminar essa vitória.

Por isso, só quando deixamos entrar a Sua vitória é que não dependemos do resultado, mas desse “antes”, d’Ele que vem antes, e então temos uma hipótese para a vida. Amigos, essa é a proposta que nos faz a Escola de Comunidade, em primeiro lugar para nós, não para os outros, mas para nós. Cada um pode decidir se precisa dessa proposta ou não, mais que de qualquer reunião, mais que de qualquer organização.

Nembrini. A terceira questão a que eu gostaria que déssemos atenção a meu ver talvez seja a mais decisiva, até pelo fato de que está em cinquenta por cento das contribuições que recebemos. O ponto mais confuso parece continuar a ser o da presença, da clareza de uma proposta no ambiente em que trabalhamos, em primeiro lugar da proposta que fazemos aos nossos alunos. Muitos de nós têm dúvidas sobre isso: “Eu dou bem as minhas aulas, não me saio mal, suscito um certo interesse por mim, pela minha matéria, vou até comer pizza com a classe, existe um relacionamento entre nós. Só que, depois, existe o problema da proposta: se, como e quando convidar para o Movimento, para a Escola de Comunidade, etc.” É como uma dificuldade para entender quando e onde falar de Cristo, falar da coisa a que eu pertença, que é tão extraordinariamente significativa para mim, pois, quando olho para os meus alunos ou para os meus colegas, ou para os pais que encontro, tenho um sincero desejo de que vivam da mesma coisa, que olhem para aquilo que eu olho, mas é como se eu sentisse que esse passo é abstrato, uma coisa acrescentada. Na minha opinião, esse é o ponto decisivo, pois por trás disso existe um dualismo sutil, que precisamos encarar e nos ajudar a vencer.

Pedi a Caterina, de Pisa, que desse seu depoimento, em que a questão aparece com maior clareza. Assim, nos ajudamos também a responder.

Caterina. Queremos lhe fazer duas perguntas. Nós percebemos uma separação entre o nosso trabalho na sala de aula, com os alunos, e a experiência do Movimento. Explico melhor. Há alunos e pais que estão interessados, nos estimam e nos agradecem pelo que fazemos na sala de aula. Mas, na escola, não somos os únicos que fazem bem o seu trabalho. Este ano, nós nos encontramos várias vezes para nos perguntar que diferença existe entre nós e os outros. Você nos lembrou que queremos ser sobretudo pessoas que, debaixo de tudo isso, vão sempre à escola com a preocupação ideal suprema: Cristo e a Igreja. A que detalhes deve chegar essa preocupação ideal, em nós? Quando ensinamos matemática ou latim, estamos preocupados em fazer os jovens entenderem matemática ou latim. Nós entendemos que Cristo, o único que nos desafia na verdade das pessoas e das coisas, não pode ser um acréscimo desarticulado à aula, uma proposta desligada daquilo que

fazemos em sala de aula, a preocupação de se e como convidar para o Movimento; se é assim, que significa fazer uma proposta clara aos nossos alunos? Pois nós queremos que os nossos alunos conheçam Cristo, encontrem essa realidade de que nós nunca falamos em nossas aulas. Como é que isso pode começar a acontecer? Para o que é que devemos olhar? Onde devemos pôr a nossa atenção, para não perder aquilo que acontece? Em poucas palavras: como é que nasce o Movimento?

A segunda pergunta. No Movimento, muitas famílias têm filhos em idade escolar. Essas famílias pediram que nós, professores, fizéssemos algo por seus filhos, e isso – que mais nos parece uma delegação – cria um certo embaraço. Nós vemos também que as próprias comunidades de colegiais têm uma presença maciça de filhos de pessoas do Movimento. De um lado, então, existe uma preocupação justa, por parte dos pais, com a educação cristã de seus filhos dentro da experiência do Movimento; de outro lado, um embaraço para nós, professores, pois essa parece ser uma dinâmica forçada, que não é a do encontro, como pode acontecer aos nossos alunos. Nós lhe pedimos uma ajuda para julgar isso, pois sentimos que paira sobre nós, dentro das nossas comunidades, uma imagem que pode acabar tornando a vida pesada.

Carrón. Será que nós, alguma vez, nos perguntamos o que é realmente ensinar? O que é realmente o conhecimento? Pois, se alguém me diz que leciona bem, mas, depois, sente o problema de acrescentar alguma coisa, eu me pergunto se essa pessoa leciona bem, não se ela faz o Movimento! Pois, se eu posso explicar alguma coisa sem dar a razão do todo, eu não explico bem a realidade, pois entender uma coisa é entender a relação da coisa com a totalidade (ao menos pelo que eu sei... corrijam-me, vocês que são mestres em Israel mais do que eu). Digam-me se explicar alguma coisa não é ligá-lo ao todo! Mas, se a pessoa me diz que explica muito bem, que até tem sucesso, e não chega até aí, eu me pergunto: será que nós, alguma vez, nos perguntamos realmente o que é o conhecimento? Pois é a mesma coisa que dissemos na Escola de Comunidade a respeito da fé, ou seja, que podemos começar a falar da realidade como todo o mundo e depois acrescentar alguma coisa, o Mistério. Não! Onde é que está o problema? É que, quando falamos da realidade, o Mistério fica de fora. Mas, sendo que Ele fica de fora da maneira como eu olho para a realidade, começa então a surgir um problema falso: “Quando, em que momento devo introduzir o Mistério?”, ou: “Como é que eu O colo por cima?” Dá para entender? Inexoravelmente, esse dualismo não é vencido, nunca poderá ser vencido, se tivermos de ver quando colá-lo por cima, ou como fazer. Não! Devemos, alguma vez, chegar a nos perguntar o que é ensinar, o que é entender alguma coisa, que significa usar a razão de acordo com sua natureza de razão (tomar consciência da realidade segundo todos os fatores) e o que isso tem a ver com o que Dom Giussani ensina sobre o conceito

de razão e com aquilo sobre o qual o Papa não pára de nos corrigir, pedindo-nos que “ampliemos a razão”. Mas uma afirmação como essa do Papa, sem toda a história com Dom Giussani, seria reduzida por nós a um *slogan* com o qual não saberíamos o que fazer. Nós conseguimos entender o que isso significa justamente graças à forma como Dom Giussani começou a nos introduzir a todos na realidade. Pois ensinar, educar – nós sempre dissemos – é introduzir à totalidade, à realidade em sua totalidade. Se eu posso explicar alguma coisa sem a ligação com a totalidade, não estou educando; não é que não estou fazendo o Movimento (nesse contexto, isso não me importa): não estou é educando, e, sobretudo, não sou um bom professor. Vocês vêem como podemos ser professores como todo o mundo e depois “acrescentar” o Movimento? Mas a quem uma coisa assim pode interessar? Isso nunca será o Movimento. Nunca! Isso nunca será Giussani! Eu desafio qualquer um de vocês, que quiser, a levar a sério o que Dom Giussani nos disse.

A questão, portanto, meus amigos, é se começamos a rever a maneira como nós ensinamos, mas não em relação a uma certa “espiritualidade” de CL, que não interessa a ninguém, não; a questão é: que significa dizer que eu ensino de acordo com a maneira como uso a razão, e como é que eu explico qualquer aspecto da realidade relacionando-o com a sua totalidade? Do contrário, nós – como às vezes acontece nas escolas católicas – explicaremos todas as matérias como todo o mundo e, depois, uns acrescentarão uma ideologia, outros acrescentarão outra, mas, no fundo, seremos todos homologados. O problema é que já aceitamos muitas vezes esse princípio e ficamos à vontade com isso, sem nos posicionar diante do que significa educar, do que significa ensinar, do que significa entender uma coisa em sua relação com a totalidade da realidade.

Esse é o desafio que temos à nossa frente; é um desafio nosso, pois enquanto nós, como professores, como pessoas que ensinam, justamente pelo valor de nosso ensino, não nos fizemos essa pergunta e procurarmos respondê-la, nós, na realidade, entraremos na escola já derrotados – lamento lhes dizer -, e por isso sempre será preciso acrescentar alguma coisa depois.

Digam-me se Dom Giussani, quando entrou na escola, tinha outra preocupação que não fosse explicar a realidade até o fundo! Todo o esforço que ele fez, todo o percurso que fez, foi porque não se poupou nada desse caminho, que teve de percorrer em primeira pessoa para documentá-lo passo a passo, para facilitá-lo para nós, de modo a podermos ser leais com a razão até o fundo, para nos mostrar como esse uso da razão introduz uma novidade do outro mundo, sem que para isso seja preciso colar nada por cima. Tanto é que Dom Giussani diz que o homem realmente religioso é aquele que vive intensamente a realidade, enquanto todos diriam que o homem religioso é aquele que faz mais gestos religiosos, ao lado da realidade. Não, Dom Giussani nos desafia a respeito da intensidade da vida, e – atenção! – todo o edifício do Movimento, desde o primeiro que o encontra até o Grupo Adulto, ficará de pé ou cairá se Dom Giussani tiver razão sobre esse ponto. É

impossível, de outra forma, manter uma proposta como a nossa de pé, se ela não for verdadeira, ou seja, se a minha relação com a realidade não for assim, se a religiosidade não for viver intensamente a realidade. Senão, por que deveríamos fazer isso? Para tentar encher os jovens de atividades, fora da realidade? Não! Isso nunca será o Movimento! Por quê? Porque todo o edifício do Movimento deve ser unitário: desde o maravilhamento diante da realidade até o Mistério, tudo de uma vez – estamos vendo isso na Escola de Comunidade: tudo de uma vez, desde o primeiro desejo até o infinito. Não é que num determinado momento aparece uma encruzilhada e um vai para cá e outro para lá. Não, não, não! Tudo, desde o momento inicial até o infinito. Vocês se lembram do esquema, do desenho que está na Escola de Comunidade²? Isso é Dom Giussani, essa é a proposta, e nós devemos verificar se essa explicação da razão e do desejo, e portanto do conhecimento e da resposta da liberdade, é verdadeira ou não. O desafio de Dom Giussani é a respeito desse ponto: isso é verdade ou não é? Se não for verdade, digam-me claramente, e então nós o desmentiremos. Mas, se for verdade, ou nós vencemos esse dualismo mascarado ou já fomos derrotados por ele.

Então, como é que nasce o Movimento? Nasce de uma pessoa que vive a realidade de um modo tão unitário, que o outro, vendo-a, tem vontade de participar disso. A questão é se diante de uma pessoa, da maneira como ela ensina matemática ou latim, da maneira como por meio desse pormenor ela é introduzida à realidade, dá para perceber algo tão unitário que faça nascer em qualquer um que a encontre a pergunta: “Quem é este?” O Movimento nasce da mesma forma como nasce o cristianismo: diante de uma pessoa, de uma testemunha que, pela maneira como vive a realidade, desperta a pergunta. Se nós, dando aulas, não conseguimos despertar a pergunta nos jovens, se eles não percebem uma novidade na maneira como encaramos a matéria, esse é um problema que cada um de nós terá de enfrentar.

Depois que descobri isso, passei a dar aulas me divertindo, aproveitando a aula. Se houver alguma coisa para ver, os jovens verão; e, se não houver nada para ver, por que deveriam eles ter o desejo de vir fazer alguma coisa comigo no fim de semana? A questão é se eu me encontro diante de alguém, e eu não quero perder isso. Pois – como dizíamos em outubro – a educação é a comunicação de nós mesmos, ou seja, da maneira como cada um de nós se relaciona com a realidade. E isso nós vemos por toda parte, também na relação entre pais e filhos. Como é que comunicamos? Pela maneira como nos relacionamos com a realidade. É inexorável. Se não conseguimos despertar a curiosidade pela maneira como vivemos a realidade na escola... E isso não, em primeiro lugar, porque eu tenho de construir a comunidade dos colegiais ou porque tenho de construir o Movimento. Não! É para que eu não sufoque na escola, é um problema meu; eu não faço

² Giussani, L. *É possível viver assim?* São Paulo, Companhia Ilimitada, 2008, p. 69.

isso porque “tenho” de dar testemunho. Não, não. Faço isso para poder viver, e isso dá testemunho. Por isso, eu dizia que para viver assim preciso deixar entrar esse “antes”, pois, sem isso, eu não entro para dar aulas nem morto. Mas, se eu tenho esse “antes”, não posso deixar de entrar nessa circunstância de um modo diferente, original, não determinado pelo resultado, pelas situações, por nada; e, então, pode ser que os colegas ou os jovens fiquem curiosos e tenham até a vontade de compartilhar a vida, e isso acontece tanto com aqueles cujos pais são de CL quanto com os que são filhos de ateus, indiferentemente. Não devemos ter atitudes diferentes com uns e com outros: o problema é o mesmo. Se os pais do Movimento não aceitam que não são os donos dos filhos, que devem se dobrar à forma como o Mistério conduz seus filhos ao destino (que nós não conhecemos), e que a única coisa que podemos fazer é testemunhar o que nos foi dado; se os pais não fazem isso, no fim pensam que podem dar tudo a seus filhos por meio de um discurso, mas não movem nada neles, e deixam-nos tão entediados, que eles nem querem mais ouvir falar dessas coisas.

“Muito faz quem pouco atrapalha”... Nós fazemos muito por nossos filhos ou por nossos amigos não criando obstáculos para eles, vocês me entendem? Pois todo homem é um mistério, não um mecanismo que eu posso influenciar, como se pudesse ser reduzido aos fatores que o antecedem; o homem é um mistério. Podemos fazer tudo o que quisermos, e o outro decidir nos deixar no limiar da sua pessoa, e nós, desse ponto, não avançamos um milímetro sequer: podem ser os filhos, os amigos ou os colegas. Essa é a dignidade do eu. Por isso, a única arma, a única maneira de mostrar o amor ao destino do outro é testemunhá-lo: “Veja se há alguma coisa que lhe interesse no que eu lhe digo. E de que jeito eu lhe digo essas coisas? Vivendo, vivendo diante de você”. Assim, eu não deixo o outro sozinho, como se pouco me importasse com ele. Não, não! É tão verdade que me importo com ele, que continuo a viver diante dele e continuo a olhar para ele como Jesus olhava. A cada pessoa que você encontra, você leva tudo o que tem por dentro, todo o seu olhar, cheio de ternura, cheio de afeição por aquela pessoa! E depois espera. O que mais podemos fazer? O outro é um mistério.

O que nos escandaliza é a liberdade, mas nós pertencemos a um movimento gerado por uma pessoa que disse: “Eu apostei tudo, durante cinquenta anos, na pura liberdade”. Quem é que pode apostar tudo, durante cinquenta anos, na pura liberdade? Alguém que tem tanta certeza a respeito da verdade que traz consigo, que não precisa passar por cima da liberdade, jogá-la para escanteio, forçar nada. Basta mostrar toda essa beleza, para que quem tem o desejo de viver possa sentir o desafio. Quando precisamos usar outros métodos, é porque não temos certeza, é um juízo sobre a nossa certeza. É nisso que apostamos tudo, pois uma presença – para dizer em poucas palavras – é um eu que, na maneira como vive a realidade, é ele mesmo uma proposta; afinal, não é possível viver segundo todos os fatores da realidade o que tenho à minha frente (desde a matemática até a

relação com os colegas ou com os alunos) sem envolver a totalidade; e é então que dá para ver se encontrei ou não Algo que me permite viver assim. Todo o resto é um dualismo acrescentado, que, com o tempo, não se sustenta: me cansa e não interessa às outras pessoas.

Por isso, meus amigos, é nisso que devemos nos ajudar e nos acompanhar. Nós nos ajudamos desmascarando as situações em que se introduz o dualismo. Se não temos clareza sobre isso, discutimos falsos problemas.

Nembrini. Nesse sentido, eu gostaria que você nos ajudasse, a partir da pergunta que será feita por Martino, de Pádua. A questão talvez não diga respeito a todos, mas é tão clara, como implicação da responsabilidade, que vale a pena que a enfrentemos juntos. Trata-se dos colegiais do Movimento. Se entendi bem o que você acaba de nos dizer, ajudar uma comunidade de colegiais numa cidade ou numa escola é a ampliação, o transbordamento da posição que você descreveu. Mas, se é assim, por que tão freqüentemente há uma espécie de desvio, um esquematismo, um fechamento das nossas comunidades, que chegam mesmo a padecer pelo esforço de viverem dentro de estruturas organizadas? Os gestos existem, as comunidades fazem as reuniões, a caritativa: tudo está garantido, do ponto de vista da experiência do Movimento, mas é como se a vida verdadeira e a realidade estivessem em outro lugar. Até que chegamos ao equívoco supremo, formulado da seguinte forma por alguns jovens de um grupo de colegiais do Movimento, falando a seus responsáveis: “Olhe bem, vocês são ótimas pessoas, alguns são até do Grupo Adulto, são pessoas extremamente confiáveis; por isso, pensem em como garantir os encontros do Movimento, a Escola de Comunidade, a caritativa, mas não usem meter o bico na maneira como nós passamos o sábado à noite!” Parece haver dentro disso uma duplicidade, um equívoco, resultado das próprias iniciativas, muitas vezes generosas, que tomamos; e esse equívoco precisa ser completamente corrigido e julgado.

Martino. Nossa história é bem simples; digamos até que é paradigmática: reunião com todo o mundo, retomada nos grupos menores, caritativa, coral, iniciativas de estudo, almoço entre os professores que acompanham os colegiais e, sobretudo, uma companhia vivida entre alguns de nós. O fato é que, depois do encontro de outubro e da assembléia com Franco em Pádua, alguma coisa se mexeu, se não de outra forma, pelo menos como desejo de renovação. Nasceram várias iniciativas para responder à proposta de outubro: uma Escola de Comunidade, encontros específicos para os professores, a retomada da Diesse [Didática e Inovação Escolar, um centro de formação e atualização; *nde.*]. Em todas essas iniciativas, até boas, parece faltar alguma coisa, pois a tentação que temos ainda é a de ajeitar as coisas, reorganizar a categoria dos professores. Mas, se uma coisa

nova aconteceu, parece necessário partir novamente daquele famoso “quem sou eu?” No último encontro entre as pessoas que acompanham os colegiais, muitos fizeram esta pergunta: “Afinal, o que é o Movimento para mim?” A pergunta, para alguns, partia da dificuldade que eles têm de lidar com os colegiais do Movimento; para outros, a dificuldade vinha do ressentimento pelo tempo que roubavam de seu trabalho para ficar com os colegiais; para outros, ainda, havia uma espécie de dúvida, pelo fato de quase só haver filhos de pessoas do Movimento na comunidade dos colegiais, e não seus alunos. É daí que vem a pergunta: o que é, então, o Movimento? Nós percebemos que uma coisa nova está acontecendo e desejamos, por isso, uma ajuda e uma comparação, não apenas ocasional, mas precisa, com alguém mais adulto.

Carrón. Tenho a impressão de que o que eu dizia antes já é uma tentativa de resposta para isso. Pois a questão, dita em termos que me agradam mais, mais de acordo com a forma como o Papa cita Santo Agostinho, é: o que move o homem em seu íntimo? O que pode desencadear o eu? Pois, se nós não nos fazemos essa pergunta, se não nos posicionamos diante dessa questão, pensamos que podemos resolver o problema ajeitando as coisas, administrando as coisas. Até podemos ser bons em administrar aquilo que temos, até que não reste mais nada, tudo bem, mas, se a questão for essa, a mim não interessa. Vamos acabar como em certas obras católicas, nas quais, no fundo, nós ficamos apenas administrando aquilo que temos, até o dia em que fechamos a igreja porque não aparece mais ninguém.

A questão é que nós encontramos algo graças ao qual, qualquer que seja a circunstância, em todos os lugares a que chegamos começa alguma coisa: estamos como no início da expansão do cristianismo. Quando chegamos a uma escola, despertamos ou não alguma coisa pela maneira como nos posicionamos? E essa – como eu dizia antes – é a questão mais complicada, pois, para gerar alguma coisa, para despertar algo, não basta administrar, não basta organizar; nós agora vemos que esse é um problema transversal: tem a ver com a Igreja, com a escola, com os partidos, com as associações, com tudo, pois, graças a Deus, nós já não damos conta. Por quê? Porque até hoje nós também vivemos daquilo que restava daquele tipo de “eu” que sobreviveu da época em que o cristianismo tinha uma incidência na história e era capaz de despertar o desejo. Enfim, nós vivemos das rendas de uma tradição. Agora que o cristianismo, a tradição, é cada vez menos incidente, e o que prevalece é todo o resto, nós nos vemos diante dessa paralisia, desse desinteresse por tudo, dessa incapacidade de se interessar por qualquer coisa, na qual também nos encontramos; nos vemos diante de salas de aula em que as pessoas estão apenas estacionadas, porque não têm mais o que fazer.

Portanto, este é realmente um desafio para todos nós: nós temos alguma coisa a oferecer diante

disso, temos alguma resposta a isso? É a verificação da fé, como aconteceu em tantos momentos da história. Depois das invasões bárbaras, São Bento teve de recomeçar do princípio. Hoje, quando os bárbaros já penetraram tudo, devemos recomeçar do princípio, e ver se nessa situação temos alguma coisa a oferecer; senão, podemos apenas administrar o que ainda resta do passado. Nós vemos que o deserto está avançando, que cada vez mais há menos interesse, que o eu desaparece cada vez mais, que aquele “efeito Chernobyl” de que Dom Giussani falava se expande cada vez mais. Pois bem: diante de tudo isso, em primeiro lugar, eu encontrei ou não alguma coisa para a minha vida (que muitas vezes passa pela mesma situação da vida dos jovens), alguma coisa para mim, para que eu possa recomeçar, e por isso tenho alguma coisa a oferecer aos jovens? Se não for assim, é já uma derrota com data marcada (no máximo, podemos adiá-la um pouco). Por isso, é muito importante a maneira como geramos os colegiais: nós estamos recolhendo os últimos “soldados japoneses” ou somos capazes de começar a interessar pessoas que, quando não encontram uma experiência assim, uma humanidade assim, que desafia a própria história delas, ficam indiferentes? Fui visitar uma escola e fiquei impressionado com o que me diziam alguns amigos que trabalham lá: eles precisam telefonar todos os dias para os pais dos alunos e pedir que passem o telefone para os garotos para convencê-los a irem à escola. É nesse nível que estamos. E, como eu dizia, isso é transversal, tem a ver com todos os níveis sociais. Será cada vez mais assim; esse é apenas um exemplo de como as coisas serão, cada vez mais. Portanto, ou nós temos alguma resposta para isso, ou, se nos contentamos em administrar o que ainda resta, somos os primeiros a já estarem derrotados.

Nessa situação, que significa construir a comunidade dos colegiais, a não ser fazer os jovens participarem dessa nova descoberta? Um teste de como estamos construindo a comunidade dos colegiais é o que Franco dizia sobre o sábado à noite; quando um jovem diz: “Garanta os rituais do Movimento, mas, depois, não ouse vigiar como eu passo o sábado à noite”, é um juízo muito pesado, pois significa que esse jovem participa, sim, dos gestos normais do Movimento, mas esses gestos não são capazes de arrebatá-lo: “Eu participo dos gestos, mas o resto é por minha conta: não ouse meter o bico!” Mas vocês conseguem imaginar alguém que se apaixone e diga: “Eu estou apaixonado, mas o sábado à noite é negócio meu”? O acontecimento que encontramos é realmente totalizante ou são apenas reuniões que precisamos fazer? Eu me pergunto: afinal, o que acontece nessas reuniões? Se não olharmos para a origem, o próprio fato de construir o Movimento propõe de novo o mesmo esquema perdedor; ou seja, vocês não são capazes de tocar o eu de um modo que esteja ligado a tudo. Isso é um juízo sobre nós: que proposta eu faço, afinal? E, se vocês, responsáveis dos colegiais, não têm essa preocupação, eu diria: é melhor fechar a comunidade dos colegiais e começar tudo de novo, pois é um equívoco total. Vocês estão entendendo? Podemos propor que as pessoas façam coisas, mas, se esse fazer coisas não é capaz de tocar realmente o eu,

acontece isso. Portanto, a pergunta é: que proposta fazemos? Que proposta sou eu? Esse não é um juízo sobre os jovens.

Aqui também, como em outros âmbitos de nossa vida, há uma espécie de ambigüidade de fundo: será que depositamos a nossa esperança em administrar as coisas, e por isso dependemos sempre do resultado, e, quando o resultado não vem, ficamos deprimidos, ou, em vez disso, a depositamos naquilo que encontramos (a esperança que Ele suscitou em nós), e por isso podemos desafiar a todos com tudo o que temos? Só assim começamos a ver como o Senhor age. Mas a coisa mais terrível que podemos fazer é pegar aquilo que Ele faz, aquilo que Ele desperta, e procurar arrumá-lo, fechá-lo em nossas caixas, de modo que acaba sufocando. Lamento, meus amigos, mas nós temos uma grande responsabilidade se agimos assim. Eu não gostaria de estar na pele de vocês. Pois temos de nos perguntar se queremos “servir” aquilo que um Outro faz ou se queremos “administrá-lo”. E chegamos ao “portanto”, que é o problema da fé: será que nós reconhecemos que existe Alguém agindo, e que, portanto, guiar o Movimento não é administrar o Movimento, mas obedecer ao que um Outro faz, seguir o que um Outro faz, ou nós usamos o que um Outro faz para fazer as nossas coisas? Cuidado, pois muitas vezes o que acontece entre nós é que um problema nosso – nosso, enquanto adultos -, não resolvido em nível pessoal, provoca um vazio que nós queremos preencher administrando a vida dos outros. Que cada um assuma a sua responsabilidade diante de Deus. Pois queremos preencher, com a administração da vida dos jovens, o vazio que muitas vezes temos como adultos. Isso não é justo. Não é justo! Eu não gostaria de ter essa responsabilidade. Pois, muitas vezes, os problemas não são dos jovens, mas nossos, e nós, sendo que não os resolvemos na nossa relação com o Mistério, pensamos poder resolvê-los sendo chefes ou pseudochefes. Mas eu lhes digo claramente: isso, acima de tudo, é inútil, pois não serve para resolver o problema. Mesmo que vocês conseguissem administrar as coisas, isso não resolveria nada do seu mal-estar; vocês continuariam a viver com um mal-estar. Dá para entender? Isso não resolve nada, pois a gota não é capaz de encher o copo, e nós vamos ficando com um mal-estar cada vez maior. Portanto, a questão é um novo início. Ou passamos a obedecer ao que um Outro faz, porque O reconhecemos agindo – é um problema de fé, de que estamos falando na Escola de Comunidade, é um problema de fé: nós, no fundo, acreditamos que exista um Outro agindo, e, por isso, acreditamos que devemos seguir o que um Outro faz? –, ou somos como todo o mundo, ou seja, arrumamos os outros dentro das estruturas. Isso não é justo! Onde quer que isso aconteça, vocês precisam me dizer, pois precisamos expulsar essa ambigüidade das nossas comunidades, dos colegiais. Vocês precisam me dizer, pois isso não é verdade, não é justo, não é justo que os jovens paguem por isso. Deu para entender?

Nembrini. Para concluir, uma última questão. Em vários lugares, pudemos ver ou ouvir falar de uma tentativa de presença no ambiente, usando, entre outras coisas, os instrumentos que a nossa história gerou. Diversas pessoas recuperaram um interesse pela profissão, às vezes juntando-se a outras para elaborar propostas, projetos, iniciativas. A Associação Diesse, por exemplo, vem-se ampliando, tem aberto novas sedes. Começa a se mexer alguma coisinha em lugares em que talvez nunca nada se moveu; começa a haver um trabalho entre amigos e colegas, muitas vezes dentro das escolas. Mas, também neste caso, os testemunhos e os relatos terminam com uma espécie de dúvida última, que é sempre um sinal – acredito eu – do dualismo que hoje de manhã você nos ajudou a focar de um modo tão claro. As pessoas me dizem: “Eu faço um bom trabalho com os amigos, com a Diesse, aqui, ali...”, mas é como se, depois, a pessoa ficasse parada no meio do caminho. Depois que a pessoa realiza o trabalho e o aprofundamento, ou toma uma iniciativa a respeito de sua disciplina, de sua profissão, a pergunta é: “O que isso tem a ver com a fé? O que tem a ver com uma relação buscada e desejada, realmente intensamente desejada, com o Mistério?” E isso quando fazer essas coisas não é sentido, até mesmo, em oposição a uma religiosidade verdadeira.

Carrón. Já enfrentei essa questão em outras ocasiões. Para nós, muitas vezes, o encontro é o ponto de chegada, não o ponto de partida. Ou seja, se o que eu encontrei, o que enche os meus olhos, a minha razão, a minha afeição, o meu coração, a minha liberdade, não me permite entrar até o fundo em tudo o que eu tenho de estudar, ensinar, querer, então fica de fora, não ilumina toda a realidade. E nós, desse ponto de vista, muitas vezes somos preguiçosos. Que significa ser preguiçoso? Nosso amigo Cominelli falava disso outro dia, num bate-papo. Muitas vezes, é como se a pessoa dissesse: “Eu li *Educar é um risco*³”, e não parasse de repetir *Educar é um risco*, o que é muito bom, por favor, mas *Educar é um risco* não pode ser o ponto de chegada, tem de ser o ponto de partida com o qual eu entro em todas as minhas matérias. Mas isso não é *Educar é um risco* que faz, nem é Dom Giussani que faz, mas alguém tem de fazê-lo, alguém tem de fazer o percurso dentro das matérias, com toda a sua lealdade, sem separar nada, sem colar nada, sem fazer ideologia, de dentro, para verificar cada palavra de *Educar é um risco*. E isso é uma coisa que cada um de nós deve fazer, e para isso temos os instrumentos. Pois, como eu dizia na outra vez, se não chegamos até a didática, somos dualistas. Não basta, portanto, repetir *Educar é um risco*; esse é o viático para caminhar, ou seja, é a hipótese para entrar em tudo, não para me substituir diante de tudo; senão, eu faço como todos os professores, e depois digo alguma coisa sobre *Educar é um risco*; *Educar é um risco* é a possibilidade que nos é dada para entrar em tudo, para iluminar tudo,

³ Giussani, L. *Educar é um risco*. Bauru, Edusc, 2004.

para desafiar qualquer escuridão. Mas esse é um trabalho nosso. É o mesmo que acontecia comigo, que, com tudo isso, tinha de fazer o trabalho de exegese estudando os textos da Bíblia; nada me era poupado, pelo contrário, despertava de novo em mim toda a vontade de entrar no mérito da questão, até chegar ao acusativo grego (eu tinha de dar a razão daquele acusativo, entendem?). Ou seja, se não chega até aí, o meu estudo não me interessa, pois, se ele não tem a ver com aquilo que mais me interessa, eu não percebo a relação entre o acusativo e aquilo que mais me interessa, aquilo que tenho de mais caro; e isso não se dá por um problema sentimental ou meramente afetivo, mas, sim, por um problema da razão: pois, se Cristo é o ponto-chave da realidade, preciso descobrir isso e preciso penetrar até o fundo. E isso não é feito por *Educar é um risco*. *Educar é um risco* é a porta de entrada. E eu digo graças a Deus por ainda nos restar muitíssimo trabalho a fazer: o trabalho de participar da aventura fascinante de ver como isso chega a todas as coisas, e que, por isso, faz você se interessar por tudo. Pois, se com *Educar é um risco* já estivesse tudo acabado, seria apenas uma repetição, que, cedo ou tarde, enche. A questão é que isso é o que me permite escancarar a porta para tudo, interessar-me por tudo, pois o que me interessa é a realidade.

Por isso, eu lhes digo: sendo que não podemos fazer tudo isso sozinhos, devemos acompanhar uns aos outros, com a ajuda dos instrumentos. As associações devem ter como preocupação ajudar a isso, juntar as pessoas que estão interessadas nisso, favorecer que nenhuma iniciativa seja perdida, pois cada um é chamado a dar a contribuição a isso: não se trata de administrar aquilo que dá na cabeça do organizador, mas da organização a serviço de qualquer ponto de criatividade que o Mistério suscite em qualquer um de nós. Essa é a subsidiariedade, me parece, de que já falamos tantas vezes. Ou seja, significa que, de tudo o que o Mistério move dentro de nós, nada pode ser perdido, e então a aventura se torna fascinante para nós, para o ensino, para as relações com o colegas em torno das matérias, para que tenhamos um ponto de diálogo sobre as matérias que interessam a esses colegas, para os jovens. Tudo adquire uma unidade do outro mundo. E é isso que pode nos interessar, pois, do contrário, por que seríamos obrigados a fazer isso? Por que não nos dedicamos a outro ofício? Temos de experimentar que aqui está o motivo que nos impede de desistir, pois, de um lado, vemos a dificuldade desse tipo de trabalho em que estamos mergulhados, desse ofício, mas, de outro, para alguém que quer viver, é isso que não lhe dá trégua. Assim, devemos decidir se para nós toda essa dificuldade, toda essa situação às vezes complicada e difícil em que nos encontramos, é simplesmente um obstáculo ou, ao contrário, um desafio, a oportunidade que podemos ter justamente graças àquele “antes” da fé que permite entrar em tudo. E assim cresce a fé, que é a única coisa que nos interessa; cresce a certeza de que existe uma Presença na história na qual podemos apoiar toda a nossa esperança.

Obrigado!

Nembrini. Muitíssimo obrigado, Julián; acredito que você nos deu matéria de reflexão e trabalho para todo o ano que vem. Gostaria de lhe pedir mais um último esforço: que nos desse dois avisos, sobre aquelas coisas que você sempre nos recomenda; ajude-nos, deixando-nos com uma prescrição, com uma tarefa clara. São o aviso sobre a missão, ou seja, o que significa dizer que dentro desta experiência está contida uma paixão pelo mundo, e o aviso sobre a Escola de Comunidade, enquanto método, caminho, instrumento.

Carrón. A missão. Esta graça nos foi dada para todos, e podemos contribuir, colaborar com a missão de Cristo na medida em que respondemos a essa graça que nos foi dada. Pois foi com o seu “sim” que Nossa Senhora contribuiu; e cada um de nós contribui com o seu “sim”, fazendo, em primeiro lugar, este caminho, não para demonstrar alguma coisa aos outros, mas para que nós mesmos, antes de mais nada, trilhemos este caminho. Por isso, deixemos de lado todas as nossas preocupações quanto aos resultados, quanto ao Movimento... eu nunca tive, nem por um minuto, uma “preocupação” com o Movimento; não é um problema meu. Se vocês quiserem alguém que se preocupe com o Movimento, procurem outra pessoa, não eu. Não é problema meu carregar o Movimento, pois quem carrega o Movimento é um Outro, Aquele que o fez. O que é que me interessa? Dizer sim ao que um Outro faz e pedir, estar disponível a reconhecer o que um Outro faz (que pode ser a Cleuza, pode ser a Vicky, pode ser o último que chegou, como aquela menina de Verona). O que me interessa é continuar aqui, desse jeito, pois, então, Ele é quem faz tudo e eu sou grato por poder estar num lugar em que vejo essas coisas; porque isso é o que mais contribui. E nós devemos tomar uma decisão quanto a este ponto: ou O reconhecemos em ação, e então isso introduz uma novidade, uma esperança com a qual ir todas as manhãs para a escola, para enfrentar as dificuldades, o peso, a situação dos jovens, tudo, e assim colaboramos com a glória de Cristo, ou, em vez disso, contamos só com as nossas energias, e aí é impossível que a pessoa não se canse. Mas esse é um problema de fundamento, é um problema de método, é um problema de onde depositamos a nossa esperança, de qual é o ponto de apoio, pois o resto vem como algo que transborda dessa humanidade diferente, original na forma como se apresenta na realidade: inexoravelmente, a pessoa vive a missão, mesmo que não fale, pela maneira como olha, como está com os colegas, como vive em paz, como não tem uma preocupação a respeito do papel, como não tem uma preocupação de administrar as coisas, como vive contente, contente porque Ele existe e nos torna livres de todo o resto. E isso pode fazer os outros se interessarem por uma pessoa assim.

Para isso, nós contamos com a ajuda da Escola de Comunidade. Não podemos deixar a Escola de Comunidade cair num nominalismo de escribas especialistas em exegese: já existem muitos

escribas em Israel. Nós devemos evitar isso a todo custo. E vocês sabem qual é a maneira de fazer isso? Cada passagem da Escola de Comunidade tem uma verificação. Nós estamos vendo isso agora. Qual é a verificação da fé, ou seja, de que nós fizemos uma experiência real da fé e não um bate-papo sobre a fé? A liberdade. Se vocês me repetem todo o percurso da fé, de A a Z, e não se encontram um milímetro mais livres, o que me estão dizendo? E por que lhe interessaria seguir adiante, com o capítulo sobre a liberdade, se, com o da fé, não aconteceu nada? Isso não é razoável para nós! Quem vive a experiência de reconhecer uma Presença presente começa a se surpreender livre, livre, ou seja, satisfeito, qualquer que seja a circunstância. Então, se nós não perdemos isso de vista como método, a Escola de Comunidade se torna uma outra coisa; depois, tentem me dizer se ela não lhes interessa!

(traduzido por Durval Cordas)